

MÁRCIA SZEKUT

DO OLHAR E ESCUTAR PARA O OUVIR E VER
UMA ANÁLISE DO ENSINO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NA REDE
DE ENSINO PÚBLICO. ESTUDO DE CASO

Monografia para aquisição do grau de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da Professora Susana da Costa Ferreira.

CURITIBA

2005

SUMÁRIO

I. Introdução	03
II. Considerações sobre o ensino da Arte hoje e delimitação do tema.....	07
III. Constituição histórica dos fundamentos conceituais do emprego da arte no ensino	12
IV. Os procedimentos de pesquisa	17
V. Procedimentos de análise	19
VI. Análise de dados	22
VII.A leitura de imagens	27
VIII. Considerações finais	34
Anexos	36
Referências bibliográficas.....	46

I. INTRODUÇÃO

A arte está presente em todo nosso cotidiano, seja em obras de pintores, escultores, escritores, poetas, na arquitetura, nas praças, nas ruas, outdoors, em músicas, filmes, nos objetos, nas danças, nos espaços...

Compreender a arte, seja por sua função social ou por suas transformações ou conservações ao longo da História, não é tarefa fácil.

O ensino da arte, nos fornece então, subsídios para que possamos compreender as representações visuais cotidianas e históricas através do conhecer, do apreciar e do fazer. Tais eixos, que orientam o ensino da arte, se articulam através do perceber, do sentir, do expressar e do comunicar.

O ensino da arte, tem como finalidade desenvolver nos educandos a percepção, a compreensão e a relação de valores inclusos entre os indivíduos e pertinentes a um determinado meio social. O ensino da arte, abre um leque amplo para que os indivíduos compreendam que o saber estético gera um movimento de transformação permanente.

Quando se desperta a atividade criativa dos seres humanos, isso faz com que eles interajam com seu meio, conhecendo-o e atuando para modificá-lo, tornando melhor o convívio social. O ensino da arte, nas orientações atuais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, traz enunciados de alerta sobre a importância dessa área de conhecimento:

“O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem bem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida”. (BRASIL, 1997 : 21)

O ensino da Arte pode levar o aluno a tornar-se um ser humano mais criativo, sensível e crítico. Ainda segundo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais “A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às

experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação”. (vol. 6, p. 15)

A autora do livro “ Artes na Escola Primária”, Regina Yolanda, define ainda mais amplamente a dimensão social e individual do ensino da arte, afirmando que a “Educação estética é a educação dos sentidos sobre os quais a consciência, a inteligência e o julgamento dos indivíduos se apóiam”. (YOLANDA, 1967 : 26)

A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto no cotidiano como nas obras de arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a arte não só como um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre arte.

Entre tantas formas de manifestações artístico-culturais, podemos destacar a música, por esta fazer parte da educação desde muito tempo. Música é a arte de coordenar fenômenos acústicos para produzir efeitos estéticos.

Podemos refletir sobre a educação na Grécia Antiga, onde a música era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia.

Os antigos sumerianos utilizavam a música em seus ritos litúrgicos, no Egito, em cerimônias religiosas. Na era Medieval, até a invenção da escrita, a música era cultivada através da transmissão oral. Foi por volta do século IX que apareceu pela primeira vez a pauta musical. O monge italiano Guido d’Arezzo sugeriu o uso da pauta de quatro linhas, cujo sistema é utilizado até hoje no canto gregoriano. Além do canto gregoriano, produziram-se muitas danças e canções, principalmente por meio da atuação de Trovadores, poetas e músicos do sul da França.

No período Renascentista, houve um grande interesse pelo saber e pela cultura. Os compositores passaram a ter um interesse mais vivo pela música profana, embora os maiores tesouros musicais renascentistas tenham sido

compostos para a igreja, em estilo polifônico¹ ou policoral e cantados sem acompanhamento de instrumentos.

A música barroca, caracterizada por seus ritmos energéticos, melodias com muitos ornamentos, apresenta contrastes de timbres instrumentais e sonoridades fortes em contraste com os suaves. É desse período o surgimento da ópera e do oratório². É também nesse momento que a orquestra passa a tomar forma.

A música clássica, que respeitava e refletia as emoções da nobreza, manteve as estruturas tradicionais para sua criação e sua execução. Constituiu-se como música mais refinada e elegante, com tendência a ser mais leve e menos complicada que a barroca. Os compositores clássicos, tinham por objetivo atingir um equilíbrio entre a estrutura formal e a expressividade.

Durante o Romantismo, houve um rico florescimento da canção. Os compositores passam a escrever sobre terras exóticas e o passado distante, os sonhos, a noite e o luar, os rios, os lagos e as florestas, as tristezas do amor, lendas e contos de fadas, mistério, a magia e o sobrenatural. As melodias tornam-se apaixonadas, semelhantes à canção. As harmonias tornam-se mais ricas, com maior emprego de dissonâncias.

Enquanto a música nos períodos anteriores era caracterizada por um único e mesmo estilo, comum a todos os compositores da época, no período Moderno, há uma mistura complexa de tendências. Debussy, Stravinsky, Villa – Lobos são representantes desse período.

No Brasil, nomes como Chiquinha Gonzaga, Noel Rosa, João Gilberto, marcaram época. Assim, como a música está presente em todas as culturas, seja em festas ou comemorações, rituais religiosos, (...) consideramos como fonte de excelente trabalho, os cliques musicais, assim como as letras das músicas, ambos selecionados de acordo com a qualidade da elaboração, seleção de elementos clássicos, inclusive os clássicos da música popular.

¹ Polifônico – várias melodias tocadas ou cantadas ao mesmo tempo.

² Oratório – tipo de ópera com histórias tiradas da bíblia. Inicialmente eram também representados, depois passaram a ser apenas cantados. São exemplos de oratório : Israel no Egito, Sansão e Messias, do compositor alemão Haendel.

Levando-se em consideração que ao ouvir uma música que agrada aos ouvidos ou ao estilo musical de cada um, logo passamos a cantarolá-la; e que os alunos memorizam letras de música com extrema facilidade, a música torna-se um excelente material. Através dela, podemos perceber o pensamento de seus autores, as críticas e as passagens históricas³... que transmitem.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. (BRASIL, 1998 : 45)

É necessário então, levar o cotidiano para a sala de aula, explorando a experiência dos alunos e sua realidade, de forma que o aluno possa ter condições de conhecer melhor a sociedade em que vive, interpretar a cultura de sua época e tomar contato com a cultura de outros povos.

No sentido das imagens artísticas, para TROJAN (2003: 9) existe a necessidade de uma educação estética,

“que desenvolva os sentidos humanos e torne acessível à compreensão das obras de arte, suas técnicas e modo de expressão dos significados humanos nelas contidos. Este processo, além de métodos adequados, exige uma clara definição da função social da arte enquanto expressão e afirmação da realidade humana, e de sua função específica na prática pedagógica desenvolvida, principalmente na instituição escolar”.

Se o professor despertar o “olhar curioso” do aluno para que este desvende, interrogue e produza alternativas frente às representações do universo visual, o aluno terá também condições de descobrir suas próprias concepções e emoções ao apreciar imagens. Não se trata aqui de ensinar o que ler, pois não há uma leitura que se possa considerar a mais correta. O que consideramos “são atribuições de sentidos construídas pelo leitor em diálogo com os outros e com as imagens, em função das informações e de seus interesses no momento. Também não se trata de expor à criança imagens, sem problematizar, sem refletir sobre o que se olha”. (PILLAR, 2000 : 21)

³ Referimo-nos aqui ao hinos pátrios, por exemplo, que são executados nas escolas, muitas vezes sem que se

II. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE HOJE E DELIMITAÇÃO DO TEMA

O ensino da Arte nas escolas é de suma importância para o desenvolvimento integral do ser humano, pois é necessário preparar o aluno para a vida, não para que possa apenas acumular conhecimentos. Assim, é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade.

A sociedade atual tem marcas profundas de violência, tanto contra os próprios indivíduos como contra patrimônios históricos e outros bens materiais como fachadas de prédios, outdoors, parques,... Considera-se nesse estudo, que o trabalho de ensino da arte, possa também fazer com que o indivíduo torne-se um ser mais sensível, diminuindo a violência, o sentimento de competitividade.

Portanto a pesquisa sobre o tema é relevante do ponto de vista educacional, pois auxilia os alunos na compreensão mais direta de seu cotidiano, das imagens que o cercam, além de desenvolver o pensamento artístico e a percepção estética. Assim o aluno ao apreciar ou realizar formas artísticas, estará desenvolvendo sua sensibilidade, percepção e imaginação.

A Arte é um elemento fundamental para que, expressando suas vivências, o educando possa chegar a compreendê-las e a emprestar significados à sua condição no contexto cultural. (DUARTE, 1988 : 134)

Em primeiro lugar a atividade artística da criança apresenta o sentido de organização de suas experiências. Desenhando, pintando, esculpindo, jogando papéis dramáticos,... , a criança seleciona os aspectos de suas experiências que ela vê como importantes, articulando-os e integrando-os num todo significativo.

Para ela, a arte é mais do que um passatempo; é uma comunicação significativa consigo mesma, é a seleção daqueles aspectos do seu meio com que ela se identifica, e a organização desses aspectos em um

trabalhe a letra da música. O que resulta em alunos que cantam errado, por não conhecerem o que cantam.

novo e significativo todo. A Arte (...) é importante para seus processos de pensamento, para seu desenvolvimento perceptual e emocional, para sua crescente conscientização social e para seu desenvolvimento criador.(LOWENFELD & BRITTAIN, 1977 : 19)

Deste modo, se faz necessário que desde a educação infantil o aluno seja colocado em contato com a Arte, de forma a perceber que ela não é somente aquilo que encontramos em museus ou exposições, mas tudo aquilo que faz parte de seu dia - a - dia. Assim, a cultura visual, propõe que as atividades ligadas à Arte passem a ir além de pinturas e esculturas, incorporando publicidade, objetos de uso do cotidiano, moda, arquitetura, vídeos-clipes e tantas outras representações visuais quantas o homem for capaz de produzir. É necessário começar a educar o olhar da criança desde a educação infantil, possibilitando atividades de leitura para que além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, ela possa pensar criticamente sobre as imagens que vê em seu dia -a -dia.

É só quando se passa do campo do olhar para o universo do ver que se realiza um ato de leitura e de reflexão.

O ver não diz respeito somente à aparência do objeto focalizado pelo olho. Em sentido mais amplo, ver requer um maior grau de profundidade, porque o indivíduo ao ver, percebe o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe proporciona significado.

Nossa visão é limitada, vemos o que compreendemos e o que temos condições de entender, o que nos é significativo. Assim, nosso olhar não é instantâneo, capta algumas das múltiplas informações visuais presentes no cotidiano e necessita de processos intelectuais complexos para ver.

Nossa visão também não é ingênua, pois está comprometida com nosso passado, nossas experiências, nosso lugar, entre outras referências. Desse modo, podemos dizer que não existe um dado absoluto, uma verdade, mas formas de olhar uma mesma situação.

Sendo assim, podemos considerar esse tema como relevante do ponto de vista social, pois a partir da Arte podemos fazer com que o aluno possa “ver” o que

está a sua volta, de forma reflexiva. Podendo assim, ter uma participação mais ativa na sociedade, pois compreenderá o que há “nas entrelinhas” das imagens, sons e ritmos que lhe são apresentadas. Ou seja, será capaz de analisar os significados da imagem, os motivos que levaram à sua realização, de que modo se insere na cultura da época, como é consumida pela sociedade e as técnicas utilizadas pelo autor.

Do ponto de vista acadêmico, o aluno passa então de mero conhecedor de artistas e estilos, a leitor, intérprete e crítico de todas as imagens e sons presentes em seu cotidiano.

Atualmente as representações do universo visual são tantas, que se faz necessário “ler nas entrelinhas”, o que elas têm a nos dizer. E, a imagem é hoje um componente central da comunicação.

Portanto, o universo visual é um excelente material de trabalho no ambiente escolar. E, para que se possa verificar toda sua relevância, o tema “*Cultura Visual: auxiliando os alunos a ver e ler imagens do cotidiano*”, será pesquisado nas *Séries Iniciais do Ensino Fundamental*⁴, conforme prescrito na Lei 9394/96. Reza a Lei: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Tal concepção, constante da Lei 5692/71, considerava a Arte como Educação Artística, disciplina obrigatória, portanto tendo objetivos e conteúdos a serem desenvolvidos.

Pretende-se verificar de que forma o ensino de arte vem sendo tratado nas escolas, e, principalmente, se vem sendo trabalhado, levando-se em conta os imperativos legais acima enunciados.

O presente estudo será realizado em duas escolas da Rede Pública Municipal de Campo Largo, a partir de entrevistas com professores e análise do plano da disciplina como parte integrante da Proposta Pedagógica das Escolas,

⁴ Nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental estudadas, há um professor para ministrar as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia e História; e outro para as disciplinas de Arte e Educação Física.

bem como, por meio da análise de questionários, procurando descobrir e delinear a concepção de arte desenvolvida nos alunos.

O município de Campo Largo faz parte da Grande Região Metropolitana de Curitiba. Tem uma área de 1191,9 km² de extensão, e segundo o censo de 2000, aproximadamente 92.713 habitantes⁵, sendo que deste total, 15.580 habitantes são de zona rural.

Devido à abundância de matéria-prima mineral, o município destaca-se pelo grande número de indústrias cerâmicas (azulejos, pisos e louças). É considerado como “Capital da Louça e da Cerâmica”, sediando empresas importantes nestes ramos como a Incepa, a Germer, Porcelana Schmidt e Lorenzetti, cujos produtos são reconhecidos internacionalmente. Como produtor de cerâmicas e louças, o município abriga também um grande número de pessoas que fazem desenhos exclusivos para peças solicitadas pelas empresas, bem como das peças em série.

Há também indústrias que se instalaram na cidade, como a TRITEC , DANA e TMT- Motoco do Brasil, responsáveis pela fabricação de peças e motores automotivos.

É expressiva também a indústria moveleira, tendo como principal nome a indústria de “Móveis Campo Largo”.

É neste município que se encontra uma das fontes de água mineral mais conhecidas no país, a Ouro Fino.

Quanto à agricultura, destacam-se as produções de feijão, batata e cebola e na fruticultura destacam-se as produções de maçã, uva e pêssego. As atividades agropecuárias existentes são: bovinocultura de leite, suinocultura, avicultura, piscicultura e apicultura.

A maior parte de seus habitantes possui descendência italiana ou polonesa. É muito conhecida também pelas festas realizadas, como a Semana Italiana e a Semana Polonesa, a Feira da Louça e uma feira de artesanato. As festas religiosas são de grande significado para a população.

As culturas polonesa e italiana são bastante difundidas desde a culinária, as danças típicas, a música, o vinho artesanal, o artesanato e as formas de diversão.

Não há cinema, pois as pessoas preferem o conforto e o movimento dos cinemas dos shopping center's da capital.

Há também uma Casa da Cultura, espaço onde os campolarguenses podem aprender línguas (inglês e espanhol e italiano), pinturas em telas e porcelanas, tocar instrumentos ou aperfeiçoar-se na arte da dramatização. Possui um palco onde já se apresentaram os próprios alunos, bem como peças infantis ou não, encenadas por atores da capital e cidades vizinhas. Há dois anos atrás, apresentava sessões de cinema gratuitamente para a população, com filmes já consagrados e outros da atualidade.

Na área cultural, temos os grupos folclóricos italiano e polonês, um coral formado apenas por meninos – “Meninos Cantores”, e outros corais.

Na área do turismo, possui um circuito de turismo rural e faz parte da rota dos tropeiros. Um dos locais mais visitados na cidade é o Museu do Mate, localizado às margens da BR 277. O Parque Cambuí, que também já foi a antiga Estação de Enologia, era a princípio a casa grande de uma fazenda, com uma senzala, a qual abrigou o “Tiro de Guerra”. Ainda preserva em grande parte a arquitetura original.

Em 2004, foi inaugurado o Museu, onde são realizadas exposições de artistas do município e outros, bem como peças antigas que fazem parte da história das pessoas e do município.

Na área educacional, conta com 36 escolas de Ensino Fundamental Públicas, 17 Centros Municipais de Educação Infantil e escolas particulares. Conta também com uma instituição de Ensino Superior.

⁵ Dados do censo 2000 – site www.pr.gov.br, 22/02/05.

III. Constituição histórica dos fundamentos conceituais do emprego da Arte no ensino.

A Arte, antes considerada apenas como artigo de “luxo”, geralmente para os filhos das camadas “mais abastadas” da sociedade, hoje mostra sua importância, assim como nos diz Queirós: “Não procede identificar como luxo o ato de reconhecimento de uma necessidade original do sujeito: a de participar das manifestações estéticas existentes no mundo e capacidade de estender sua intuição poética, no fazer”. (1982, p.9)

O presente trabalho identifica como primeiro passo para que o ensino das Artes no Brasil se tornasse relativamente acessível ao povo, a vinda da família real, no período colonial, quando fizeram-se necessárias a ampliação e a modernização da chamada cultura Nacional. Em tal contexto, para que o ensino das Artes se iniciasse oficialmente no Reino, D. João VI manda buscar uma série de artistas franceses (Missão Francesa). Com a importação intencional de artistas estrangeiros funda-se a Academia de Belas-Artes. Porém, o ensino trazido pelos franceses revela-se mais uma imposição de valores, ao passo que trazem a tendência neoclássica, que apenas despontava na Europa, em substituição ao estilo barroco-rococó, assimilado lentamente pelo povo e que já frutificava, exprimindo valores nacionais. (BARBOSA,1978)

Não era exatamente aquilo que a população brasileira entendia, mas era o que a corte precisava.

Essa transição ocorre de maneira abrupta, e num país que até então importava os modelos da Europa com enorme atraso, a modernidade representada pelo neoclássico provocou suspeição e arredamento popular em relação à Arte. Afastando-se então a Arte do contato popular, começava-se a alimentar um dos preconceitos contra a Arte até hoje acentuado em nossa sociedade, a idéia da Arte como atividade supérflua, acessório da cultura. (BARBOSA, 1978 : 19-20)

Até a Proclamação da República, o ensino da Arte nas escolas oficiais concentrou-se naquelas destinadas à produção de bens, incluindo desenho técnico e geométrico para as classes trabalhadoras, enquanto as chamadas “belas-artes” eram ensinadas em academias, escolas e conservatórios especiais, para as classes mais abastadas. (DUARTE, 1988)

Na primeira metade do século XX, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto Orfeônico e Música, eram disciplinas que faziam parte dos programas tanto de escolas primárias quanto secundárias. O conhecimento se dava a partir da transmissão de padrões e modelos das culturas dominantes.

Durante o período da escola freqüentemente denominada de Tradicional, as habilidades manuais eram muito valorizadas, assim como a organização e a precisão, numa visão utilitarista e imediatista da arte. Exercícios e modelos prontos eram selecionados pelos professores, pois o ensino da arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, centrado no professor. Este deveria por sua vez, “transmitir” aos alunos códigos, conceitos e categorias, mas sempre com o intuito de reproduzir modelos. Teatro e dança, somente em apresentações, nas datas comemorativas ou de final de ano.

Em música, o Canto Orfeônico, iniciado no Brasil, por João Gomes Junior em São Paulo, por volta de 1912, foi seguido mais tarde por Fabiano Lozano e João Batista Julião.

A Semana de Arte Moderna, em 1922, com sua proposta renovadora, significou a descoberta de novos modos de se entender a expressão artística, na qual estiveram envolvidos artistas ligados às artes plásticas, música, poesia, dança, entre outras.

Um aspecto relevante desta renovação diz respeito à arte infantil, que passou a ser olhada como apresentando um valor estético ligado à espontaneidade da criança. (...) a arte, para a criança, deixou de ser vista por muitos como uma preparação do intelecto ou uma preparação moral para ser encarada também como a liberação de fatores emocionais e a expressão de experiências. (DUARTE, 1988 : 124)

Houve, então, uma abertura para novas expressões, surgem museus de arte moderna e contemporânea, em todo o País.

O Canto Orfeônico, volta ao cenário nacional, utilizado por Heitor Villa-Lobos, em grande projeto, na década de 30, difundindo idéias de coletividade e civismo.

Esses princípios (coletividade, civismo, seguir modelos e padrões) condiziam com o momento político e econômico da época. O aluno, a partir de uma formação geral, inserir-se-ia na sociedade, e buscaria uma profissão valorizada.

Aproximadamente 30 anos após esse período marcadamente civilista, o Canto Orfeônico foi substituído pela Educação Musical, criado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, LDBEN 4.024/61.

Entre as décadas de 20 e 70, o ensino de Arte vive assim outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem, sustentando-se na estética modernista e com base nas tendências escolanovistas, centrando seus objetivos no respeito às necessidades e aspirações da criança, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo.

Em 1943, o teatro brasileiro desponta para a modernidade, com a encenação do "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues.

Na música, há também progressos, tanto na criação chamada erudita quanto na popular. Nomes como Noel Rosa e Pixinguinha fazem sucesso no cenário nacional.

Mais tarde (1959), surge a Bossa Nova, movimento que leva a música brasileira à cultura mundial.

Na década de 60, especialmente após o golpe de 64, foi adotado um modelo de desenvolvimento comprometido com uma abertura maior de nossas portas ao capital e à cultura estrangeira. Nesta visão, para que se pudesse "modernizar" o país, deviam-se adotar integralmente métodos e procedimentos modelares típicos de outras culturas, especialmente a norte-americana. Assim,

ocorre uma repressão mais severa a todos os “valores” e idéias que surgiam para se contrapor a tal “modelo” de crescimento. “Implanta-se a censura oficial, através da qual restringe-se a circulação de idéias, fundamental à coesão de idéias e impede-se que novos sentidos venham à tona, confrontando e questionando aqueles propostos oficialmente”.(DUARTE, 1988 : 127)

O regime governamental da época restringia a livre expressão. A censura era tão rigorosa, especialmente sobre as artes nacionais, que artistas dos mais variados campos foram impedidos de concretizar sentimentos brotados face a uma vida que não cabia nos parâmetros governamentais, e que pudessem se opor aos princípios propostos verticalmente pelo governo. Portanto, era necessário utilizar-se de outros meios para que se pudesse manifestar sentimentos, idéias e pensamentos. Principalmente nas canções, o uso de metáforas e “entrelinhas”, fez com que esse período se tornasse extremamente rico. Pois, cantava-se algo, com a intenção de dizer outra coisa. Porém, como a letra era muito bem elaborada, a censura não poderia impedi-la de ser cantada.

Os festivais da canção, surgidos no final da década de 60, e durante a década de 70, mobilizam um significativo número de pessoas, principalmente estudantes, os quais participam também de festivais de teatro.

Através da Lei 5.692/71, foi implantada a educação artística, compreendendo as seguintes áreas: música, teatro e artes plásticas, que deveriam ser desenvolvidas no decorrer do 1º e 2º graus. De modo geral, porém, a formação do professor apresentava-se deficitariamente levando os profissionais da educação a desenvolver atividades que não conheciam bem, apenas para cumprir o programa e as finalidades acadêmicas. Muitas vezes, o professor era leigo em relação ao ensino específico e não compreendia exatamente o significado da arte na educação e conseqüentemente, desconhecia a metodologia adequada. Tal situação caracterizou situações como a entrega de desenhos e contornos já prontos para os alunos colorirem ou recortarem, ou ainda a confecção de “presentes” e objetos para a comemoração de datas e eventos cujo significado sequer era discutido com os estudantes.

Os cursos de formação na área de artes, quando haviam, eram de curta duração e os professores seguiam documentos oficiais e livros didáticos, os quais não explicitavam fundamentos, orientações teórico-metodológicas, nem mesmo bibliografias específicas.

A partir da Lei 5692/71, a Educação Artística foi incluída como obrigatória nos currículos escolares, porém, considerada como “atividade educativa” e não disciplina.

Na década de 70, o tecnicismo, concepção de ensino-aprendizagem adotada, define uma prática pedagógica controlada e dirigida pelo professor, por meio de atividades mecânicas.

Os professores de arte deviam ensinar todas as linguagens artísticas. Tal perspectiva fez com que os professores, além de suas áreas específicas, tivessem de assimilar as demais, numa tentativa de dominá-las em seu conjunto. Tal redimensionamento acabou por levar a uma diminuição qualitativa dos saberes, desenvolvendo-se uma crença de que os alunos conheceriam muito bem cada uma das linguagens, propondo-se apenas atividades expressivas espontâneas. Ou seja, uma volta à aprendizagem reprodutiva e ao fazer espontâneo dos alunos.

A partir dos anos 80, o movimento Arte-Educação⁶ aparece, com a finalidade de fundamentar e organizar os profissionais, mobilizando professores de arte tanto da educação formal quanto da informal. Tal movimento fez com que fossem ampliadas as discussões sobre aprimoramento e valorização do professor, através de encontros e eventos promovidos por universidades, entre outras entidades públicas e particulares.

A partir da nova lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9394/96, revogam-se as disposições anteriores, e a Arte é considerada obrigatória na Educação Básica⁷, para que se promova o desenvolvimento cultural dos alunos. (PCN – Arte, 1997)

⁶ Tal movimento reúne professores de arte tanto da educação formal quanto da informal. (PCN – Arte, 1997 : 30)

⁷ Lei nº 9394/96 – art.26, § 2º - O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

E para que esse desenvolvimento cultural aconteça, faz-se necessário que se definam os objetivos para o ensino de Arte na escola. O Currículo Básico do Paraná propõe como objetivo do ensino da Arte: "educar esteticamente é ensinar a ver, a ouvir criticamente, a interpretar a realidade, a fim de ampliar possibilidades de fruição e expressão artística, propondo como base da ação pedagógica a humanização dos objetos e dos sentidos; a familiarização cultural e o saber estético, e também o trabalho artístico". (PARANÁ, 1990 : 150).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o que se evidencia é o ensino da Arte para a compreensão da arte em sua totalidade, bem como a compreensão da expressão estética. Tal compreensão será possível se o ensino da arte se der por meio do respeito à diversidade cultural, da identificação e da compreensão das diferentes funções da arte.

E, conseqüentemente, os professores necessitam também estar em contínua formação para que possam atender aos pressupostos supracitados, desvencilhando-se da idéia de que a arte serve apenas como momento de lazer para os alunos e compreender que por meio da arte, pode-se fazer com que o aluno tenha uma formação integral, sendo capaz de refletir sobre os conteúdos que lhe são ensinados em sala de aula.

IV. Os procedimentos de pesquisa

Para que se possa contribuir na análise de como o ensino da Arte vem sendo tratado nas séries iniciais do Ensino Fundamental, optou-se por um estudo de caso, trabalho empírico e de aprofundamento teórico, numa perspectiva dialética, observando duas escolas da Rede Pública Municipal de Ensino Fundamental de Campo Largo.

O estudo de caso é compreendido por LÜDKE e ANDRÉ (1986 : 17), "como estudo de um caso, seja ele simples e específico(...), ou complexo e abstrato(...)".

A investigação não pretende considerar o presente trabalho como definitivo, pois o conhecimento não é algo acabado. Levar-se-á em consideração o contexto, para que se possa ter uma apreensão mais completa do objeto de estudo, retratando a realidade de forma ampla e profunda.

Inicialmente, serão analisados o que dispõem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, e os Parâmetros Curriculares Nacionais, investigando qual a formação de cidadão está proposta nos documentos.

Em seguida, serão examinadas as Propostas Pedagógicas das escolas selecionadas, no sentido de verificar a formação implícita nas mesmas.

“Em lugar dos questionários aplicados a grandes amostras, ou dos coeficientes de correlação, típicos das análises experimentais, são utilizadas mais freqüentemente neste novo tipo de estudo a observação participante, que cola o pesquisador à realidade estudada; a entrevista que permite um maior aprofundamento das informações obtidas; e a análise documental, que complementa os dados obtidos através da observação e da entrevista e que aponta novos aspectos da realidade pesquisada”. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986 : 9)

Por hipótese pode-se pensar que o professor que trabalha (ou aquele que não trabalha) com arte, pode não ter um bom desempenho, em virtude da falta de formação específica na área. Portanto, pretende-se saber qual a formação dos professores que trabalham com arte e também dos que não trabalham diretamente com essa área, bem como o que pensam a respeito dela, para que se possa fundamentar melhor essa hipótese, utilizando para isto uma entrevista a partir de um questionário semi-estruturado. (**anexos 1 e 2**)

Não menos importante são os alunos, para os quais todo o trabalho do professor é desenvolvido. Assim sendo, é imprescindível saber o que os alunos pensam sobre a arte, e a sua importância para a vida dos mesmos. Para a coleta de dados utilizar-se-á de questionário específico, (**anexo 3**) analisando a participação, o interesse e como os alunos trabalham os conteúdos de arte.

Busca-se dessa forma, usar variedade de fontes de informação, para que se possa descobrir novos dados, levantar hipóteses ou até mesmo, afastar hipóteses já levantadas.

Para realizar uma interpretação dos dados colhidos nesta pesquisa, se faz necessário realizá-la à luz de um bom referencial teórico, que se constitua no elemento de articulação entre o real e o conhecimento teórico acumulado.

É preciso, todavia, levar-se em conta que tal conhecimento “(...) vem sempre e necessariamente marcado pelos sinais de seu tempo, comprometido portanto com sua realidade histórica e não pairando acima dela como verdade absoluta”. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986 : 2)

Sendo assim, não pretende-se com a pesquisa em questão determinar uma verdade. Apenas procurar-se-á lançar um olhar sobre o ensino da arte em seus diversos aspectos e de como aconteceram as mudanças de visão para essa área, sem o intuito de esgotá-la. Lembrando que “a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja a mais verdadeira”. ((LÜDKE e ANDRÉ, 1986 : 20)

V. Procedimentos de análise

“A pesquisa racional (dialética) considera cada fenômeno no conjunto de suas relações com os demais fenômenos e, por conseguinte, também no conjunto dos aspectos e das manifestações daquela realidade de que ele é “fenômeno”, aparência ou aparecimento mais ou menos essencial”. (LEFEBVRE, 1991: 238)

Sendo assim, não é possível isolar o fenômeno estudado, pois “(...) em educação as coisas acontecem de maneira tão inextricável que fica difícil isolar as variáveis envolvidas e mais ainda apontar claramente quais são as responsáveis por determinado efeito”. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986 : 3)

Portanto, quando se propõe o estudo da cultura visual nas escolas selecionadas, é preciso compreender que embora a educação estética tenha

como lugar privilegiado o ensino da arte, ela pode acontecer em qualquer ocasião e que seus elementos dependem do contexto em que o aluno está inserido.

Nossa visão é limitada, pois apenas enxergamos aquilo que compreendemos e o que temos condições de entender, ou seja, aquilo que nos é significativo. Portanto é relevante que o professor, auxilie na compreensão da visão de mundo do aluno, para que ele tenha condições de compreender melhor aquilo que está ao seu redor.

Ao ver, decodificamos signos de uma cultura e compreendemos o sentido que criam a partir do modo como estão organizados. “Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela, quando começamos a estabelecer relações entre as experiências (...) – aí então estamos procedendo leituras” (MARTINS in PILLAR, 2000 : 19)

Dessa forma, compreendemos que o sentido vai ser dado pelo contexto e pelas informações que o leitor possui, pela sua história de vida. Assim, o que é descrito não é uma situação, apenas uma interpretação que o leitor realizou em um determinado tempo e lugar.

Portanto, ao analisar a Proposta Pedagógica das escolas selecionadas, bem como os dados referentes às entrevistas com professores e alunos, será considerado o contexto em que elas aconteceram, revelando os diferentes pontos de vista presentes. Considerando que num estudo de caso, essas situações podem ocorrer, até mesmo de forma conflitante.

Entendemos que verificar a atual ênfase dada ao ensino da arte é de fundamental importância para o entendimento das propostas de desenvolvimento integral do cidadão, no sentido da crítica da criatividade e da sensibilidade.

A análise de documentos, quais sejam: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96 e Parâmetros Curriculares Nacionais, e posteriormente a Proposta Pedagógica das escolas selecionadas, no que diz respeito ao ensino da arte, nos fornecerá um panorama sobre qual seria a formação de cidadão contemplada nas mesmas.

E, posteriormente, a análise de observações e questionários aplicados a professores e alunos, poderá proporcionar a possibilidade de verificação e confronto sobre essa formação contemplada nos documentos e a contemplada na prática.

Confrontar-se-á a prática observada também com o que nos falam autores como Trojan(2003), Porcher(1982), Pillar(2000), Duarte(1988), entre outros que podem vir a ser acrescentados durante o período da pesquisa qualitativa. Tais autores possuem uma visão sobre o ensino da arte, que nos permite repensá-lo de modo a dar-lhe a devida importância na formação do cidadão integral.

Os autores citados, entendem a arte não como mero elemento de luxo ou de algo supérfluo, mas como algo necessário ao despertar de valores que talvez já tivessem sido esquecido por muitos, como a sensibilidade para perceber o que está à nossa volta e a busca de sua compreensão a partir de toda a experiência de vida, da fantasia, da afetividade.

Pois, como nos diz PORCHER (1982, p.15), “fazer da arte uma atividade irracional e misteriosamente inspirada equivale inevitavelmente a ratificar e reforçar uma certa estrutura social”.

É fundamental que a escola promova uma verdadeira democratização do ensino da arte, para que não se reproduza ainda hoje o pensamento de muitas décadas atrás, quando o acesso à arte era para poucos.

De modo geral, a pergunta é “Para que serve a arte?”. E, esses autores, além de explicitar o porquê de se trabalhar com o ensino da arte, sugerem que a arte não deva ser somente utilizada nas aulas específicas, como se fosse algo isolado, supérfluo, inatingível para muitos. Mas que se integre ao cotidiano do aluno, para que este perceba que a arte está presente em toda a nossa vida, no nosso cotidiano, e que todos possam ter acesso a ela, entendê-la, senti-la, apreciá-la, refazê-la, proceder à sua releitura, ...

Pois, somente quando os mais variados aspectos do ser humano forem realmente considerados em sua formação é que talvez possamos contribuir com o processo de humanização, formando-os de maneira realmente integralizadora.

VI. Análise de dados

A pesquisa foi realizada em 2 escolas da rede pública Municipal de Ensino de Campo Largo, sendo que o questionário foi aplicado em alunos das 3^{as} e 4^{as} séries e em seus respectivos professores.

Optou-se por uma escola de periferia com uma turma de 3^a e uma turma de 4^a série, doravante denominada de Escola A e outra, mais central, com duas turmas de 3^a e três de 4^a séries, doravante denominada Escola B.

A Escola A, é uma escola pequena, com no máximo 20 alunos em cada turma. Possui uma professora para ministrar as aulas de Arte e Educação Física. A Escola B é uma escola bem maior, com até 35 alunos por turma, com uma professora para as aulas de Arte, duas para as aulas de Educação Física e uma para aulas de Literatura. Em ambas, as aulas de arte são ministradas uma vez por semana, com duração de 50 minutos.

Antes da aplicação dos questionários aos alunos, explicou-se aos mesmos o porquê desta pesquisa, solicitando que ao respondê-la não colocassem seus nomes, apenas a série, a idade e o sexo. E, se alguém não quisesse, era só devolver a folha em branco. Porém, todos os alunos responderam ao questionário.

O questionário com os alunos da 4^a série da Escola A, foi realizado durante uma aula de Arte. Pôde-se perceber, uma preocupação da professora em fazer com que lembrassem do que ela havia falado sobre o que era Arte, e do que já fora trabalhado em suas aulas.

Na Escola B, em uma das 3^{as} séries, a aplicação do questionário também ocorreu durante uma aula de Arte. Em nenhum momento observou-se uma preocupação da professora com relação às respostas dos alunos. Observou-se porém, que a relação entre professora e alunos é bastante desarmoniosa.

A professora, aos gritos com os alunos, pediu para que ficassem em silêncio e sentassem para me ouvir. Depois, relatou que era impossível trabalhar com os alunos das terceiras séries, pois estes eram desinteressados e bagunceiros.

O mesmo aconteceu na aplicação do questionário à outra 3ª série, ouvindo-se a mesma queixa por parte da professora de Literatura.

Em conversa com as professoras regentes, foi-me relatado que realmente havia uma certa dificuldade em trabalhar com estas turmas, porém durante as aulas de Arte e Literatura, a dificuldade das professoras era maior.

Alguns alunos relataram “ O que menos gosto nas aulas é da professora, das broncas, dos gritos”. O que nos leva a imaginar que esse relacionamento com a professora, possa vir a diminuir o gosto pelas aulas de Educação Artística.

Verificando-se as primeiras respostas dos alunos em relação à idade X série cursada, tanto da Escola A quanto da Escola B, pôde-se constatar que há vários alunos repetentes, pois não há correspondência entre idade X série cursada. **(anexo 4)**

O que é, então, Arte para os alunos dessas escolas?

Por ser uma questão aberta, houve uma grande diversidade de respostas. Porém, a maior parte dos alunos referiu-se à Arte como uma série de atividades referentes à pintura, desenhos, enfim, atividades que ocorrem de forma mecânica. Outros a colocaram como sendo cultura em geral, outros, cultura de índios e povos antigos, como se o que é realizado hoje, não fosse considerado arte. Outra resposta bastante interessante refere-se ao fato de que talvez a forma como a Arte está sendo trabalhada na escola, leve o aluno a pensar que ela seja algo muito distante das possibilidades do aluno “Arte é uma coisa que só pessoas muito boas podem fazer”. Pode-se pensar que talvez, em algum determinado momento, esse aluno tenha sido levado a pensar que o que ele faz não é Arte, ou que este é um aluno que possui uma baixa auto-estima, pensando que ele não seja capaz de produzir arte.

Ou ainda, noções bastante equivocadas como “aprender a pintar com tinta guache para não borrar”, “costura”, “uma aula”, entre outros. Ou que reduzem a Arte apenas ao colorir, desenhar, aprender a pintar. **(anexo 5)** Pensa-se que isso talvez deva-se ao fato de que o real significado da arte não seja trabalhado pelos professores.

“O nível de compreensão de um indivíduo das artes é o lento resultado de sua interação com o domínio artístico e o desenvolvimento cognitivo e social, não a mera aquisição de vocabulário ou a projeção universal sobre um determinado meio”. (HERNANDEZ, 2000 : 55)

Portanto, se nas aulas de arte, os alunos têm acesso restrito à arte, conseqüentemente ele terá uma visão restrita do que é arte. E, quando são levadas para a sala de aula obras de arte apenas de artistas que já viveram há muito tempo, pode-se passar a impressão aos alunos de que arte é somente “coisa de povos antigos, quadros antigos, quadros de pintores famosos,...” entre outras citações que foram colocados pelos próprios alunos. Portanto, muito além do alcance deles.

Ao professor, cabe realizar uma seleção criteriosa de diferentes portadores de imagens que possam levar os alunos, a partir do contato com essas diferentes fontes, bem como no aprofundamento dado pelo professor, a percepção de que a arte não se refere somente ao antigo nem só a quadros de pintores famosos, mas que ela se faz presente no cotidiano.

Ao realizar atividades vinculadas ao conhecimento artístico, o aluno “não só potencia uma habilidade manual, desenvolve um sentido (audição, visão, tato) ou expande a mente, mas também e sobretudo delinea e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc o que lhe cerca e também a si mesmo”. (HERNANDEZ, 2000 : 42)

Após a análise das respostas dos alunos, pode-se constatar que embora hoje os Parâmetros Curriculares Nacionais tragam novas idéias de como a arte deve ser tratada dentro das escolas, ainda segue-se em grande parte a divisão de conteúdos realizada no Currículo Básico para as escolas do Paraná, o qual deu-se a partir da Lei 5.692/71.

São enfatizadas as atividades como desenho, pintura, colagem. Embora tenha sido relatado por alguns alunos que a professora da Escola B leve para sala de aula exemplos de obras de arte, estas parecem ser apenas fonte para fazer

“cópias”, segundo os alunos. “O que menos gosto é de copiar os quadros e desenhos que a professora traz”, “É chato ficar pintando aqueles desenhos cheios de detalhes que a professora traz”.

Quais então, as preferências dos alunos pelos conteúdos trabalhados nas aulas de Arte?

Em ambas as escolas, os alunos, tanto das terceiras quanto das quartas séries, têm maior preferência por atividades ligadas à pintura e ao desenho, seguido por teatro. (**anexo 6**) E dentre as atividades que estão relacionadas às suas não preferências também estão as mesmas atividades (desenho, pintura, teatro e a escrita).

Embora, alguns alunos citem o fato de gostarem de música, não percebi durante conversa com os alunos, o fato de haver um grande interesse pela música. Estes relataram que a música geralmente acontecia durante a apresentação de teatros e quando necessitavam realizar uma paródia. Pode-se pensar assim, que não é dado à música seu real valor na formação integral do aluno.

As professoras de arte das Escolas A e B, possuem magistério. A professora da Escola A está cursando o Curso Normal Superior, curso à distância, incentivado pela Secretaria Municipal de Educação.

A professora da Escola B, não devolveu o questionário, sendo portanto sua formação a única informação que obtivemos, por ela mesmo ter comentado durante a aplicação dos questionários.

Na Escola A, a professora diz não ter participado da elaboração da Proposta Pedagógica, por não estar atuando na escola. Cita que as condições ofertadas pela escola são muito boas, pois além de livros, papéis, tintas, cd's, têm apoio da equipe pedagógica para a elaboração de suas aulas, bem como para a realização de todas as atividades que julgar necessárias.

Tal professora trabalha os conteúdos, dividindo-os em artes visuais, teatro, música e dança⁹, em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Não especificou como era sua metodologia de trabalho, apenas citou que dentro da metodologia, procura oferecer aos alunos o necessário para aprimorar seus conhecimentos de acordo com as possibilidades.

Dentro dos conteúdos que os alunos mais gostam, citou como sendo os relativos à pintura, colagem, mosaico, teatro, colocando como observação, que esses “gostos” variam de acordo com a faixa etária dos alunos. E que, os de menor preferência são os relativos à música e ao desenho. Após a observação dos questionários dos alunos, pôde-se observar que há uma consonância entre as respostas dadas pela professora e pelos alunos.

Entre suas observações, não percebeu que dentro da escola haja diferenças no interesse pela arte de acordo com o sexo, raça, cor ou condição social. Apenas as diferenças relativas à idade dos alunos.

A professora aponta que, em algumas situações, pode-se fazer relação entre a arte e o processo de ensino – aprendizagem, principalmente nos conteúdos de matemática e língua portuguesa.

As professoras regentes das turmas que foram objeto de estudo nesta pesquisa, ao serem questionadas sobre a relação entre as disciplinas que ministram e o ensino da arte ficaram divididas. Duas delas responderam que não há interdisciplinaridade, sendo que o planejamento é realizado separadamente e não há uma “troca de idéias” entre as professoras regentes e a professora de arte.

Três delas, apontam a importância da relação entre a arte e as outras disciplinas, porém, não explicitam de que forma esta pode acontecer. O que, portanto nos leva a pensar que a arte é vista por elas apenas como conteúdo das aulas de arte, e que elas próprias não podem trabalhar esses conteúdos.

Outras duas, relacionaram o ensino da Arte mais com as disciplinas de matemática e língua portuguesa, pois relacionaram conteúdos como por exemplo

⁹ Referem-se à esta escola, as respostas dos alunos quanto à preferência ou não, pela música e dança.

os sólidos geométricos e sua planificação, recortes e pinturas, que podem levar à produção de textos.

As duas professoras da Escola A, acreditam que todas as disciplinas podem manter um bom relacionamento com a arte, enquanto que as professoras da Escola B, ficaram bastante divididas. Uma delas afirmou que não é possível fazer essa relação. Outra afirmou que somente com a área de Língua Portuguesa; uma outra com a área de História, citando ainda que sente necessidade de saber mais sobre a arte. Outras duas, que essa relação pode acontecer com todas as disciplinas, sendo apenas uma questão de planejamento.

Percebe-se através dessas respostas, que alguns professores ainda têm a idéia de que a arte deva ser tratada apenas nas aulas de arte, sendo difícil colocá-la em suas aulas, relacionando com os conteúdos que ministram.

Aqui, podemos refletir sobre o que afirma PILLAR (1992), quanto à necessidade de uma melhor preparação nos cursos de formação de professores, pois, “observam-se nas escolas brasileiras, de um lado, professores sem preparação para lecionar arte-educação, desconhecedores do processo criativo e, de outro, profissionais formados pelas universidades que se limitam a trabalhar na linha da auto-expressão, do espontaneísmo”. (PILLAR, 1992 : 6)

Diante de todo esse quadro, é necessário fazer com que professores e alunos passem a “ver” a arte de outra forma, como real contribuição para a formação integral do aluno. Isso é possível, a partir do momento em que as imagens que estão fora da escola (cinema, teatro, outdoors,...) passem a fazer parte do cotidiano de sala de aula.

VII. A LEITURA DE IMAGENS

Se hoje, o mundo a nossa volta é extremamente visual, como podemos nos inserir nesse mesmo mundo sem reconhecer o que as imagens têm a nos dizer? É possível educar o olhar das pessoas? A educação do olhar pode acontecer dentro

da escola? Que imagens podemos mostrar em sala de aula? Quando e como apresentar imagens para os alunos?

Imagens trazem informação, muitas vezes de forma bastante subjetiva. E, é preciso que as crianças saibam “ler” um mundo que torna-se cada vez mais, visual.

Porém, o que significa dizer que podemos “ler uma imagem”? De que formas poderemos proceder a essa leitura? Como se processa a leitura de imagens diante de nossos olhos?

A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento “manual”, o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente. Esses sentidos são rapidamente intensificados e superados pelo plano icônico – a capacidade de ver, reconhecer e compreender, em termos visuais, as forças ambientais e emocionais. (DONDIS, 1997 : 5)

Dessa forma, organizamos todas as nossas necessidades e prazeres, preferências ou medos, tendo por base aquilo que vemos, ou aquilo que queremos ver.

Segundo PILLAR, “o papel da arte na educação está relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que, até então, se encontrava do domínio da imaginação, da percepção, é uma das funções da arte na escola”. (2000 : 18)

Como já explicitado anteriormente, a educação estética tem lugar privilegiado o ensino da arte. Nesse sentido, o que entende-se por educação estética são as variadas formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas aos alunos, sendo que estas podem ser, tanto do cotidiano dos mesmos, quanto de obras de arte.

Assim, desde a infância é que interagimos com manifestações culturais e vamos aprendendo a demonstrar nosso prazer e gosto, por imagens, músicas,

falas, movimentos, histórias, jogos (...). Desse modo, mesmo sem perceber, já estamos nos educando esteticamente, no convívio com as pessoas e as coisas.

Em geral, costumamos “olhar sem ver”. Ou seja, notamos a presença de imagens, porém não nos preocupamos com seu significado, sua importância, o por que de estarem em determinado lugar.

Ver não diz respeito ao aspecto físico daquilo que é focalizado por nosso olho. “O ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações como sistema simbólico que lhe dá significado”. (ZAMBONI, 1998 : 54)

Se o mundo cotidiano é, cada vez mais, dominado pela imagem, é essencial que a escola, desde a educação infantil, proporcione aos alunos uma “alfabetização visual”. Ou seja, prepará-los para ler imagens e decodificar seus significados. Pois, é a partir da leitura de obras de artes plásticas que estaremos preparando os alunos para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa. E, por meio da leitura do cinema, da televisão, de clipes musicais, estaremos preparando para a leitura de imagens em movimento.

Para que se possa tratar a arte de maneira integrada, não privilegiando um de seus aspectos apenas, surge a Metodologia ou Abordagem Triangular¹⁰, a qual propõe para a disciplina de arte um currículo interligado, que respeitasse a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que fosse respeitada a Arte, seus valores, estrutura e sua contribuição para a cultura.

Mas, para que o professor consiga alfabetizar visualmente e o aluno possa ser alfabetizado, é preciso fundamentar-se nas três vertentes da Abordagem Triangular, quais sejam:

- História da arte: não se faz uma abordagem cronológica. Deve-se contextualizar o artista e sua obra no meio cultural, explorando o tempo e suas circunstâncias. Não se trata de estudar a vida do

artista ou de analisar apenas obras de arte, mas sim, produções artísticas como um todo.

- Leitura de imagens: não deve tornar-se um exercício mecânico, um questionário sobre características do que é observado. “Ler uma imagem é saboreá-la em seus diversos significados, criando distintas interpretações, prazerosamente”. (PILLAR & Vieira, 1992 : 9)

A leitura de imagens pode se dar a partir de diferentes abordagens, como por exemplo estética¹¹, semiológica¹², iconológica¹³, gestáltica¹⁴, dentre outros modos de apreciação. É possível também fazer com que ao realizar a leitura de uma imagem, várias abordagens sejam utilizadas, o que tornaria mais rica a apreciação desta imagem.

- Fazer artístico: é uma das atividades que estimula a aprendizagem da história da arte e da leitura de imagens. Tem por base, na metodologia triangular, o processo criativo, visto como interpretação e representação pessoal de vivências numa linguagem plástica.

“É somente através do fazer que a criança e o adolescente podem descobrir as possibilidades e limitações das linguagens expressivas, de seus diferentes materiais e instrumentos”. (PILLAR & VIEIRA, 1992 : 8)

Assim, se faz necessário que, além de objetos considerados canônicos¹⁵ sejam apresentados também aqueles que se produziram no passado e que produzem no presente, os vinculados à própria cultura e à cultura de outros povos,

¹⁰ Proposta de trabalho organizada por Ana Mae Barbosa, pautada no envolvimento de 3 vertentes: o fazer artístico, a leitura de imagens e a história da arte.

¹¹ Abordagem estética: considera a expressividade, o que há de “eterno” e transitório, de circunstancial, de uma época no objeto a ser analisado. Através de cor, luz, formas, destaca-se a disposição destas formas no espaço e no modo como os elementos se relacionam. a leitura estética procura saborear a imagem de modo cognitivo e sensível.

¹² Abordagem semiológica: enfoca signos, símbolos e sinais presentes na imagem. Aborda os sistemas de símbolos e signos construídos pelo homem como um texto visual em remissão a outros textos visuais, uma imagem em relação a diferentes épocas e autores.

¹³ Abordagem iconológica: procura estudar o conteúdo temático, o significado das obras como algo distinto de sua forma.

¹⁴ Abordagem gestáltica: considera os elementos da linguagem visual (linha, plano, volume, cor, luz ...), considerados em separado e no todo da forma quanto a equilíbrio, movimento, ritmo, repetição. Assim como, o modo como tais elementos estruturam o espaço e as formas e o que esta organização expressa visualmente.

obras de arte, cartazes publicitários, videoclipes, produções dos próprios alunos, entre outros.

Hernandez (2000) para definir a arte, se utiliza das idéias de Zoolberg quando diz que “a arte se apresenta como uma construção social, mutante no espaço, no tempo e na cultura”.

No tocante às obras primas de pintores, é necessário que o professor tenha conhecimento sobre a época em que foi pintada. Além, de dados sobre o autor, técnicas,... Pois para que se possa entender uma obra de arte, é preciso subsídios que possam nos auxiliar nesse entendimento.

Segundo Ana Mae:

“O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte(...) A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação (...) seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. Assim, a função primordial da arte-educação na escola é a formação estética dos indivíduos, que os leve a um entendimento da gramática visual e a uma reflexão acerca das imagens, tanto na arte quanto em seu meio”. (in PILLAR, 1992 : 6)

De que maneira realizar então a leitura de imagens?

Ler imagens não é simplesmente identificar os objetos retratados. É descrevê-la, levando em consideração a relação entre seus elementos e o modo como ela toca a sensibilidade de cada um que a observa, bem como, considerar os vínculos estabelecidos entre a imagem e o contexto social, histórico e cultural em que ela foi produzida.

¹⁵ Cãnone – segundo o dicionário Aurélio “regra geral de onde se inferem regras especiais; padrão, norma”

Uma imagem é sempre resultado de uma escolha. Ou seja, quando veiculada em algum meio de comunicação, é selecionada a que melhor traduz o que se quer “passar aos leitores”.

Por exemplo: em uma propaganda, a imagem tem a intenção não somente de informar sobre o produto em questão, mas criar necessidades e valores que serão agregados a ele para estimular o consumo. Assim, o professor pode levar para a sala essa propaganda ou levar os alunos até onde ela se encontra e realizar a leitura da mesma. De que forma?

Levantando questões como: o que mais chama sua atenção ao ver essa propaganda? Que cores foram utilizadas? Se fossem utilizadas outras cores, o efeito seria o mesmo? Que tipo/faixa etária de pessoas aparecem nessa propaganda? O que isso quer dizer? Há um slogan, um jingle? Por que eles são utilizados? Que sensações essa imagem provoca em você? Você compraria/usaria esse produto? Qual a utilidade deste produto? A aquisição deste produto traz algum tipo de melhoria social? Entre outras situações que poderiam ser levantadas a partir da propaganda.

O mesmo pode acontecer com fotografias. É possível fazer comparações, nas quais verifiquem-se características físicas, modo de se vestir, local onde a foto foi tirada, em que situação... Pode-se comparar períodos históricos do lugar onde se mora ou até mesmo os próprios alunos. Propor a reprodução das fotos através de desenhos, pinturas, colagens, charges,...

Músicas cantroladas pelos alunos ou as que eles não apreciem tanto, também podem e devem ser “lidas”. Porém, nunca esquecendo que a leitura da música não é uma mera análise lingüística ou uma interpretação da mesma. Se realizamos um trabalho somente com a letra da música, estamos apenas trabalhando poesia, não música.

Deve-se levar os alunos a ouvir o ambiente (os sons da natureza e os produzidos pelo próprio homem), dos diferentes ambientes, estimulando a audição. Realizar construções de objetos sonoros, manuseá-los, comparar seu som com o instrumento que representam, verificar através deles a diferença de

sons (graves, médios e agudos). Entre tantas outras atividades que o professor pode realizar.

É necessário que o professor aprenda a utilizar todos os elementos visuais que se apresentam no cotidiano dos alunos, bem como aprender que música não se trabalha apenas para formar hábitos e atitudes ou em ocasiões especiais. É preciso perceber que a música ajuda a melhorar a sensibilidade das pessoas, a capacidade de concentração e a memória, auxiliando de forma bastante eficiente na formação integral do aluno.

Até mesmo simples brincadeiras como pular corda ou quicar bolas no chão, contribuem para o desenvolvimento do senso rítmico, manutenção do andamento, equilíbrio, desenvolvimento motor, emocional,...

A cidade de Campo Largo, pelas atividades econômicas que realiza e pelas questões culturais, tem um enorme potencial de elementos a serem explorados nas aulas de Arte, e que não foram percebidos nas entrevistas e pesquisas realizadas. Como por exemplo, podemos citar as pinturas feitas nas louças e cerâmicas confeccionadas no município, que podem ser trabalhadas na área das Artes Visuais, levando os alunos até as indústrias ou trazendo as pessoas que realizam este trabalho até a escola, para que possam explicitar o por que do uso de determinadas cores, traçados, técnicas, se esses elementos influenciam a compra desses produtos pelas pessoas, ...

O mesmo poderia acontecer com os conteúdos relativos à música e à dança, explorando danças e músicas folclóricas, cantaroladas em festas. Poder-se-ia também, trabalhar questões relativas aos trajes típicos, suas cores, representações; o significado de determinadas danças, entre outras idéias que poderiam ser melhor exploradas.

Até mesmo a Bandeira ou o Brasão do Município poderiam ser explorados, pois contém elementos visuais bastante significativos e que retratam parte da história do povo campolarguense. (**anexo 7**)

A leitura dessas imagens tão comuns aos alunos, certamente trariam um novo significado para aquilo que estão acostumados a olhar e não ver, a escutar e não ouvir.

VIII. Considerações finais

Através dos estudos realizados e das pesquisas feitas nas escolas, dos diálogos com professores e, principalmente com os alunos, pode-se constatar que a relação teoria – prática é bastante dissonante.

As Propostas Pedagógicas da Escolas são coerentes com os Parâmetros Curriculares. Porém, essa coerência não aparece completamente na prática.

Percebeu-se muita insegurança e às vezes até um pouco de falta de vontade por parte das professoras em dar à Arte a atenção e o respeito que ela merece. Bem como, o fato de não se aproveitar as possibilidades que o próprio município oferece para o trabalho com Arte, observando suas produções de cerâmica, móveis, quadros, grupos folclóricos, corais, etc.

De nada adianta uma Proposta Pedagógica bem elaborada, de acordo com o que está previsto na LDB nº 9394/96, nos Parâmetros Curriculares, se na prática, ela não é efetivada.

É preciso um planejamento mais elaborado, com fundamentação, para que se possa desmistificar a idéia de que Arte não é algo que esteja ao alcance deles e que, principalmente, ela não se reduz ao desenho e à pintura. Ela é muito mais ampla e mais simples, encontrada no cotidiano de cada um deles. E que, sendo assim, ela pode ser de fundamental importância para a compreensão das imagens que os cercam.

O professor responsável pela aula de Arte deve no mínimo ter boa vontade, para que possa pesquisar, estar atento ao que acontece no dia-a-dia, e saber como mostrar para os alunos o real significado dessas aulas.

É tempo de deixarmos de encarar os alunos como meros “depósitos” de conhecimento, e perceber que eles podem e devem ser agentes de seu próprio

conhecimento, e que o mundo visual à nossa volta é muito mais atrativo que o quadro e o giz em sala de aula.

A produção de uma imagem jamais é gratuita. Ela é produzida com determinados fins (propaganda, informação, religiosa, ideológica, ...), que influenciam direta ou indiretamente nossas vidas. Esses fins, são muitas vezes totalmente despercebidos por nós. E, dar ao aluno a chance de participar da construção de seu conhecimento, através daquilo que realmente lhe chama a atenção, talvez seja o que ele espera há tanto tempo para se sentir vivo, e saber o que e o por quê está aprendendo.

É preciso portanto, subsidiar esses alunos com elementos que os façam passar do simples “olhar” algo com o que estão acostumados para o “ver” o que essas imagens têm a lhes dizer e como elas podem contribuir para a sua formação integral. Nesse sentido, o discernimento da arte como valor de uso e como valor de troca deve ser observado.

Essa monografia não se propõe a esgotar o assunto. Ainda se faz necessário o debruçar contínuo sobre as dificuldades observadas, para que ocorram novas incorporações, surjam novas polêmicas, pois só se cresce quando ainda se tem o que caminhar. Quando não temos a certeza de que tudo sabemos e que nada deve ou pode ser acrescentado é que podemos vislumbrar uma série de possibilidades, e tais tentativas demonstram que não estamos omissos e estagnados.

Anexo 1

Questionário aos professores de Arte:

Caros Professores:

Conto com sua colaboração e fidedignidade ao responder às questões abaixo, para que possa dar continuidade à elaboração de minha monografia.

1. Qual a sua formação?

2. Participou da elaboração da Proposta Pedagógica de sua escola? Por quê?

3. Quais as condições ofertadas pela escola para o ensino da Arte?

4. Como está constituído o plano de ensino, o conteúdo e a metodologia de sua disciplina?

5. Quais os conteúdos que os alunos mais gostam?

6. E quais os que menos gostam?

7. Você percebe maior ou menor interesse pela aprendizagem da Arte devido à diferenças de cor, sexo, raça, condição social?

8. Qual a relação que você poderia estabelecer entre o ensino da Arte e as demais disciplinas?

Agradecida

Márcia Szekut

Anexo 2

Questionário aos professores :

Caros professores:

Conto com sua colaboração e fidedignidade ao responder as questões abaixo, para que possa dar continuidade à elaboração de minha monografia:

1. Você participou da elaboração da proposta Pedagógica de sua escola? Por que?

2. Que relação você estabeleceria entre o desenvolvimento das disciplinas que ministra e o ensino da Arte?

3. Quais as disciplinas que você ministra que melhor se relacionam com o ensino da Arte?

Agradecida

Márcia Szekut

Anexo 3

Série: _____

idade: _____

sexo: M() F()

1. Para você, o que é Arte?

2. O que você mais gosta nas aulas de Arte?

3. O que você menos gosta nas aulas de Arte?

Agradecida**Márcia Szekut**

Anexo 4

Idade dos alunos

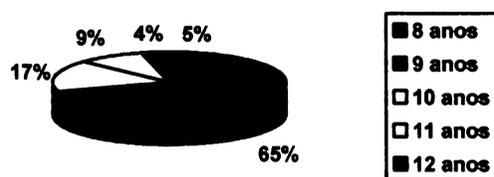
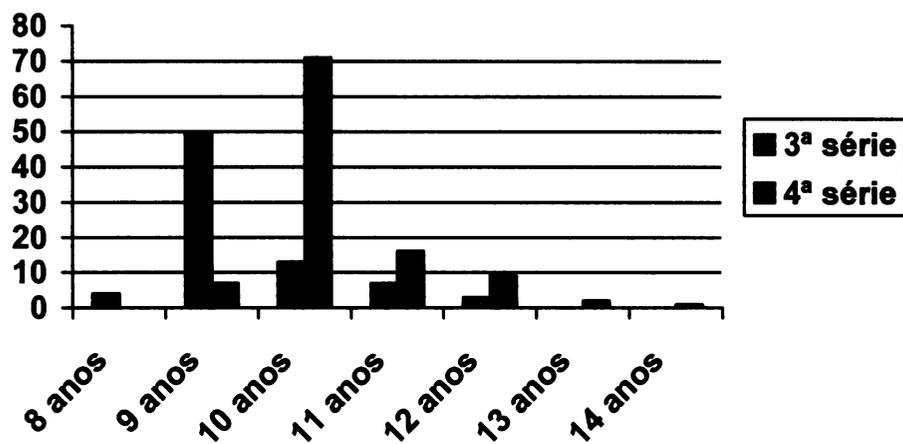


Ilustração 1 – Porcentagem 3ª série

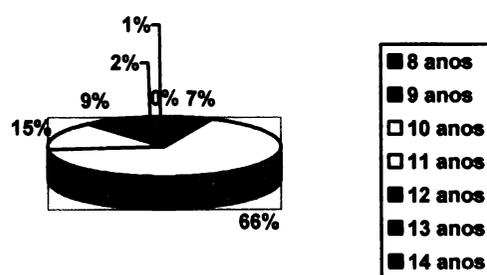


Ilustração 2 - Porcentagem 4ª série

Anexo 5

Número de alunos entrevistados - 184

O que é Arte? (respostas/ nº de vezes que ela apareceu nos questionários)

Aula para estudar – 2
Aula legal, divertida – 21
Aula importante – 7
Música – 3
Dança – 2
Brincadeira – 4
Aula para quem gosta de desenhar – 1
Aprender a desenhar – 3
Aula que ajuda a desenhar melhor – 1
Desenhar – 69
Aprender a pintar – 11
Aprender a pintar com tinta guache para não borrar -1
Pintar quadros – 9
Pinturas – 66
Artistas -1
Jeito de se comunicar com os outros – 1
Várias coisas – 1
Quadros antigos - 4
Aprender sobre a cultura dos povos – 12
Colagem – 16
Teatro – 14
Histórias – 1
Colorir – 1
Escrever – 6
Reproduções – 1
Expressão de talentos, criatividade – 17
Coisas bonitas – 7
Arte é uma coisa que só pessoas muito boas podem fazer – 1
Costura – 1
Mosaicos – 2
Paixão -1
Aula que mais gosto – 1
Aula que faz com que a pessoa aprenda a usar sua sensibilidade e bom humor – 1
É um estilo – 1
Desenvolver a mente – 3
Uma aula – 2
Fazer trabalhos – 1
Saber sobre as artes do mundo – 1
Esculturas – 4
Paisagens – 2
Quadros de pintores famosos – 1

Artistas que pintam quadros – 3
Cultura de índios e povos antigos – 10
Maquetes – 1
Recorte - 2
Máscaras – 1
Obras de Arte – 4
Enfeites – 1
Algo que vem de dentro das pessoas – 1
Releituras – 1
Aula de dobraduras – 1
Não sabe - 5

Anexo 6

Conteúdos preferidos pelos alunos:

Música – 11
Dança - 5
Brincadeiras – 5
Pintar com tinta – 34
Pintar com giz de cera, lápis de cor – 4
Fazer pinturas – 97
Pintar obras de arte - 3
Desenhar – 100
Desenho livre - 3
Ler – 2
Teatro – 33
Teatro de fantoches - 3
Colar -11
Escrever -5
De tudo – 4
Modelar – 2
Mosaicos – 6
Ler ou confeccionar livrinhos – 1
Trabalhos em dupla ou grupo – 2
Da professora – 1
Estudar as culturas – 1
Dos quadros que a professora mostra – 1
Recortar – 4
Dobraduras – 2
Pinturas de desenhos da Páscoa, Natal – 5
Obras de Arte – 1
Confeccionar máscaras – 4
Fazer maquetes – 4
Expressar a criatividade – 1

O que menos gosto:

Desenhar – 18
Pintar – 15
Pintar com tinta – 9
Pintar com lápis de cor, giz de cera – 10
Pintura com giz molhado – 1
Pintar desenhos cheios de detalhes – 2
Ler – 2
Professora mal – humorada – 6
Confeccionar máscaras - 2
Teatro – 18
Recorte – 4

Colagem – 15
Bagunça que os colegas fazem – 13
Não respondeu – 7
Dança – 7
Escrever – 26
Ficar sem aula por causa dos alunos – 1
Fazer mosaicos – 2
Música – 6
Fazer quadros – 1
Modelagem – 2
Releituras – 10
Fazer paródias – 1
Das broncas que a professora dá - 12
Não tem o que não gosta – 21
Cantar – 1
Estudar quadros – 1
Gritos da professora – 1
Da professora – 3
Quando não tem nada para fazer – 2
Do desrespeito à professora - 2

Anexo 7**Brasão de Campo Largo**

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP : Papyrus, 1993.

BRASIL. **Lei 5692/71**.

_____. **Lei 9394/96**.

_____. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte** (primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental). Brasília, 1997.

BARBOSA, Ana Mae T. B. **Arte e educação no Brasil**. São Paulo, Perspectiva – Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 1997.

DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2ª ed. Campinas, S.P. : Papyrus, 1988.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre, RS : ARTMED, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica Formal. Lógica Dialética**. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1991.

LOWENFELD, V. e BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná**. Curitiba, 1990.

PILLAR, Analice Dutra. **Arte-Educação: a educação do olhar**. in: Anais: II Congresso Internacional de Educação do Colégio Sagrado Coração de Jesus, Florianópolis, 2000, p. 18-22.

PORCHER, Louis. (org). **Educação Artística: Luxo ou necessidade?** São Paulo: SUMMUS, 1982.

SILVA, Francisco C. T. da. (org). **História e imagem**. Rio de Janeiro : Gráfica Pontual, 1998

TROJAN, Rose Meri. **A finalidade do ensino da Arte**. O trabalho como fundamento da necessidade estética. Revista Chão da Escola, SISMAC, 2003, p. 7-12.

YOLANDA, Regina. **Artes na escola primária**. São Paulo : Ao Livro Técnico, 1967.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: paralelo entre arte e ciência.** Campinas : Autores Associados, 1998.